

Literatura antirracista: confira 9 dicas de obras brasileiras

Curadoria: Lourival Junior, estudante de Direito, ativista do movimento negro, auxiliar administrativo do Sintergs



Foto: Lourival Junior

RACISMO RECREATIVO **Adilson José Moreira**

Este livro aborda uma questão sempre presente em debates políticos e jurídicos sobre direitos humanos na sociedade brasileira: de que forma devemos classificar expressões humorísticas que reproduzem estereótipos negativos sobre minorias raciais? Muitos afirmam que estigmas culturais afetam todas as dimensões da vida de membros de grupos minoritários, motivo pelo qual nem todos os comportamentos devem ter expressão na vida pública.

Porém, há quem negue a validade desse argumento, perspectiva baseada na hipótese de que o humor racista tem caráter benigno. A discussão sobre essa alegação tem relevância significativa em uma nação que adquire consciência cada vez maior de que a circulação de ideias depreciativas sobre grupos minoritários impede que eles tenham proteção jurídica e respeitabilidade social. Como teorias psicológicas demonstram, o humor também expressa ódio racial, evidência de que ele pode ser usado para promover a marginalização.

Esta obra identifica os elementos centrais do racismo recreativo, mecanismo que encobre a hostilidade racial por meio de humor. Estamos diante de um discurso e de uma prática de caráter estratégico que permite a busca de satisfação psicológica de pessoas brancas por meio da afirmação de uma suposta superioridade racial, ao mesmo tempo que mantém o interesse delas de preservar uma imagem social positiva

Em entrevista à Carta Capital sobre seu mais novo título, Moreira afirma que *“o humor racista é um tipo de discurso de ódio, é um tipo de mensagem que comunica desprezo, que comunica condescendência por minorias raciais”*.

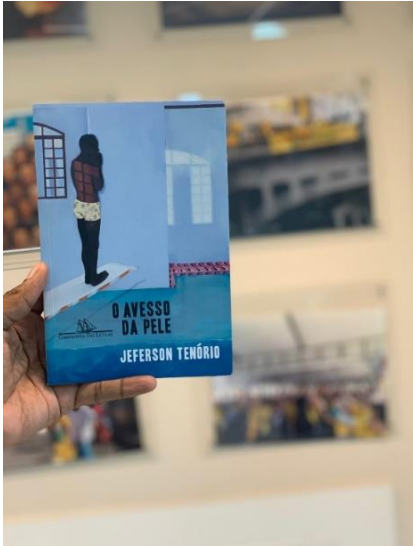


Foto: Lourival Junior

AVESSO DA PELE **Jeferson Tenório**

Trata-se de um romance escrito por um cidadão de Porto Alegre que busca escrever sobre identidade e complexas relações raciais.

O avesso da pele é a história de Pedro, que, após a morte do pai, assassinado numa desastrosa abordagem policial, sai em busca de resgatar o passado da família e refazer os caminhos paternos. Com uma narrativa sensível e por vezes brutal, Jeferson Tenório traz à superfície um país marcado pelo racismo e por um sistema educacional falido, e um denso relato sobre as relações entre pais e filhos.



Foto: Lourival Junior

DE BALA EM PROSA - VOZES DA RESISTÊNCIA AO GENOCÍDIO NEGRO **(vários autores)**

O que dizer diante do permanente genocídio negro cometido pelo Estado brasileiro? Como descrevê-lo? De que maneira expressar a justa revolta pelo rastro de sangue que os projéteis oficiais deixam nas periferias das grandes cidades? **De bala em prosa** reúne textos de autores e autoras negras. São pessoas diretamente impactadas pela escalada da violência fardada no país.

A gota d'água que os levou a escrever — mais uma dentre tantas que historicamente já transbordaram qualquer nível mínimo de civilidade — foi a morte de um músico e um catador de materiais recicláveis no Rio de Janeiro em abril de 2019. Negros, ambos foram assassinados pelo Exército, que disparou “por engano” o que no momento foi divulgado como “oitenta tiros” — mas que, na verdade, eram 257 — contra um carro que os militares “acharam” que tinha sido roubado. Os soldados mentiram, os governantes desconversaram, a imensa maioria da população permaneceu indiferente. Pipocos contra gente preta já viraram rotina, não causam a comoção que deveriam nem quando chegam à casa das centenas. A quem minimamente resolveu se perguntar por que, afinal, as autoridades fariam tamanha barbaridade contra cidadãos a caminho de um chá de bebê em um domingo à tarde, os textos desta coletânea respondem de diversas maneiras, em diversos estilos e sob diversos pontos de vista, mas

sempre com o peso da experiência de quem sabe que, pela cor que indelevelmente carrega na pele, está na mira do fuzil — e pode ser o próximo a engrossar as estatísticas. Eis o grito que ressoa em cada uma destas linhas.

Quem escreve aqui escreve a partir de um cotidiano claustrofóbico de violência e preconceito, com raízes bem fincadas na escravidão. Angústia e sensação de impotência escorrem pelas vírgulas e pontos finais. Mesmo os textos mais otimistas estão empapados de sangue. Boa parte deles se direciona não apenas ao poder estatal que controla, reprime, encarcera e mata, mas aos poucos brancos que conseguem enxergar o racismo estrutural brasileiro, mesmo sem senti-lo ou compreendê-lo. Respire fundo. Destilado nas próximas páginas está o apelo de quem, com a garganta entalada, quis transmitir aos vivos a voz dos mortos — e dos sobreviventes.



Foto: Lourival Junior

TORTO ARADO **Itamar Vieira Junior**

"A cena tem algo de iniciático e, como se verá mais tarde, ressoará de maneira extraordinária no futuro de suas protagonistas. Nas profundezas do sertão baiano as irmãs Bibiana e Belonísia encontram uma velha e misteriosa faca na mala guardada sob a cama da avó. Ocorre então um acidente. E para sempre suas vidas estarão ligadas - a ponto de uma precisar ser a voz da outra.

Filhas de humildes trabalhadores rurais descendentes de escravos, as irmãs irão crescer entre a extenuante rotina do campo, as tradições religiosas afro-brasileiras - com suas velas, incensos e ladainhas quase imemoriais - e a absorvente vida familiar. Com o passar dos anos, a antiga proximidade entre elas vai se desfazendo aos poucos. Enquanto Belonísia parece satisfazer-se com o serviço na fazenda e os encantamentos do pai, o curandeiro de corpo e espírito Zeca Chapéu Grande, Bibiana toma consciência do estigma da servidão imposto à família e decide lutar pelo direito à terra e pela emancipação dos trabalhadores rurais.

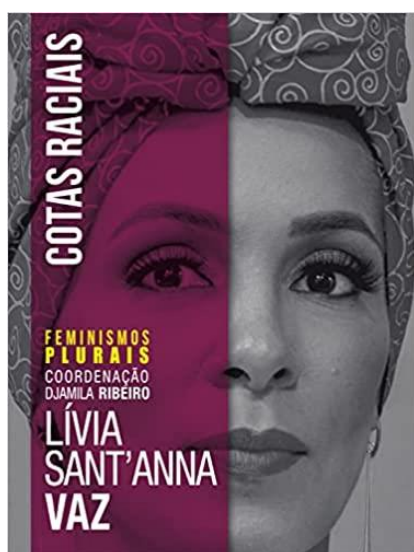
Numa trama conduzida com maestria e com uma prosa melodiosa, tendo quase sempre as mulheres como protagonistas, Torto Arado é um romance belo e comovente que conta uma história de vida e morte, de combate e redenção. Itamar Vieira Junior não se perde, contudo, em duvidosas recriações de um idioma supostamente telúrico, nem trata seus personagens com certo paternalismo, tão daninho, que já assinalou um sem-número de tentativas, na ficção, de dar voz aos despossuídos do campo.

Pois um dos grandes trunfos deste romance é a representação - com eloquência e humanidade - dos descendentes de escravizados africanos para os quais a Abolição significou muito pouco, visto que ainda sobrevivem em situação análoga à escravidão. Tudo isso traz ao romance, para além de sua trama que atravessa vozes, gerações e temas (a memória familiar, o trauma, a exploração, o misticismo afro-brasileiro, os laços sociais), um poderoso elemento de insubordinação social que vibra muito tempo depois de terminada a leitura."



QUARTO DE DESPEJO **Carolina Maria de Jesus**

O diário de Carolina Maria de Jesus surgiu este autêntico exemplo de literatura-verdade, que relata o cotidiano triste e cruel de uma mulher que sobrevive como catadora de papel e faz de tudo para espantar a fome e criar seus filhos na favela do Canindé, em São Paulo. Em meio a um ambiente de extrema pobreza e desigualdade de classe, de gênero e de raça, nos deparamos com o duro dia a dia de quem não tem amanhã, mas que ainda sim resiste diante da miséria, da violência e da fome. E percebemos com tristeza que, mesmo tendo sido escrito na década de 1950, este livro jamais perdeu sua atualidade. A primeira publicação de Quarto de despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, data de 1960, por isso, em 2020, quando se comemoram os 60 anos de sua existência.



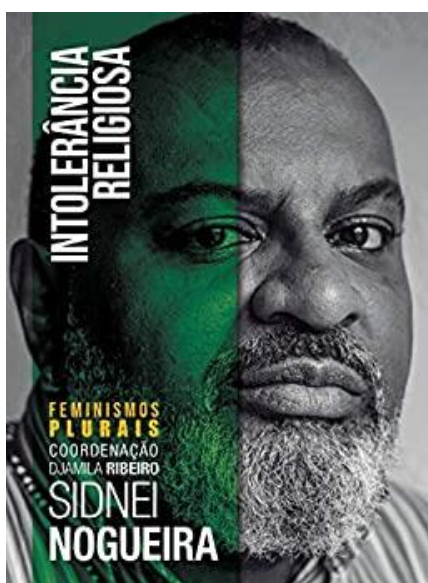
COTAS RACIAIS **Livia Sant'Anna Vaz**

Entender a radicalidade das ações afirmativas e a modalidade de cotas destinadas às pessoas negras, no Brasil, é tarefa de todas as pessoas que prezam e cuidam da democracia. Construído por meio de uma narrativa cativante e segura, o livro nos conduz a uma compreensão histórica do racismo e da resistência jurídica de reconhecê-lo como um dos elementos que estrutura as desigualdades brasileiras.

Essa realidade é denunciada e enfrentada pelo movimento negro, cujas vitórias jurídicas dos últimos tempos têm abalado as

duras estruturas do judiciário brasileiro a ponto de termos, na atualidade, leis que garantem a presença negra em diversos espaços, tais como universidades e concursos públicos.

A adoção das cotas não resolve o problema do racismo e das desigualdades raciais históricas. Mas, sem dúvida, é um grande passo democrático na luta antirracista já tem provocado mudanças. Mudanças que fazem a estrutura de poder capitalista e racista e a branquitude tremerem. Trata-se do reconhecimento de uma dívida histórica, da força das lutas negras e da ampliação do direito com justiça social e racial.



INTOLERÂNCIA RELIGIOSA **Sidnei Barreto Nogueira**

Mestre e doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo, o babalorixá Sidnei Nogueira apresenta um histórico da intolerância religiosa no Brasil, lembrando também de momentos importantes da história da humanidade marcados pela dominação religiosa, como o Império Romano, Idade Média e Nazismo.

A partir daí, discute a expressão "intolerância religiosa", utilizada atualmente para descrever um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças, rituais e práticas religiosas consideradas não hegemônicas. Práticas que, somadas à falta de habilidade ou à vontade em reconhecer e respeitar diferentes crenças de terceiros, podem ser consideradas crimes de ódio que ferem a liberdade e a dignidade humanas.

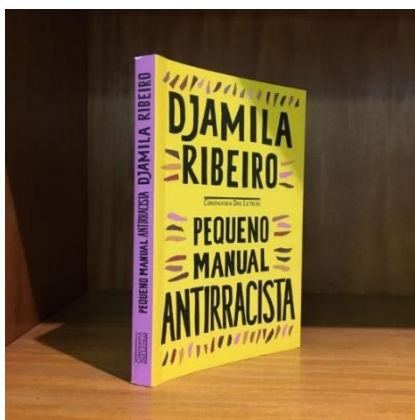


Foto: site Deviante

PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA **Djamila Ribeiro**

Neste pequeno manual, a filósofa e ativista Djamila Ribeiro trata de temas como atualidade do racismo, negritude, branquitude, violência racial, cultura, desejos e afetos.

Em onze capítulos curtos e contundentes, a autora apresenta caminhos de reflexão para aqueles que queiram aprofundar sua percepção sobre discriminações racistas estruturais e assumir a responsabilidade pela transformação do estado das coisas. Já há muitos anos se solidifica a percepção de que o

racismo está arraigado em nossa sociedade, criando desigualdades e abismos sociais: trata-se de um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato de vontade de um sujeito. Reconhecer as raízes e o impacto do racismo pode ser paralisante. Afinal, como enfrentar um monstro desse tamanho? Djamilia Ribeiro argumenta que a prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais cotidianas. E mais ainda: é uma luta de todas e todos.



Foto: Twitter Emicida (@emicida)

AMORAS **Emicida**

Na música "Amoras", Emicida canta: "Que a doçura das frutinhas sabor acalanto/ Fez a criança sozinha alcançar a conclusão/ Papai que bom, porque eu sou pretinha também". E é a partir desse rap que um dos artistas brasileiros mais influentes da atualidade cria seu primeiro livro infantil e mostra, através de seu texto e das ilustrações de Aldo Fabrini, a importância de nos reconhecermos no mundo e nos orgulharmos de

quem somos – desde criança e para sempre.

"Um livro que rega as crianças com o olhar cristalino de quem sonha plantar primaveras para colher o fruto doce da humanidade." – Sérgio Vaz

Porto Alegre, novembro de 2022.

